

ENTRE O AMBIENTE CONSTRUÍDO E SUAS FORMAS DE INTERAÇÃO: USOS E APROPRIAÇÕES DE UM ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE DE VITÓRIA/ES

Recebido em: 13/01/2020

Aprovado em: 29/05/2020

Licença: 

Lucas Poncio Gonçalves Pereira

Ivan Marcelo Gomes

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – ES - Brasil

RESUMO: Neste estudo, buscamos compreender os usos e apropriações de equipamentos destinados ao lazer e a saúde por frequentadores de uma praça pública localizada na região metropolitana do município de Vitória/ES. Para a realização da investigação optamos pela utilização de observações etnográficas, complementadas por observações participantes, diários de campo e entrevistas. Os resultados indicaram que o equipamento de lazer é ocupado com maior assiduidade quando comparado ao equipamento de saúde isso porque, no primeiro, as redes de sociabilidade e a produção de sentido/significado manifestam-se na coletividade de seus frequentadores. Também foi evidenciado que as opções de entretenimento e a qualidade dos espaços influenciavam nos seus usos e apropriações.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Público. Sociabilidade. Atividades de Lazer. Saúde.

BETWEEN THE BUILT ENVIRONMENT AND ITS FORMS OF INTERACTION: USES AND APPROPRIATIONS OF A PUBLIC SPACE IN THE CITY OF VITÓRIA/ES

ABSTRACT: In this study we seek to understand the uses and appropriations of leisure and health equipments by people who attend a public square located in the metropolitan region of Vitória/ES. For the research we chose to use ethnographic observations, complemented by participant observations, field diaries and interviews. The results indicated that leisure equipment is occupied with greater attendance when compared to health equipment because, in the first, forms of interaction (sociability) and the production of meaning / meaning manifest themselves in the collectivity of their visitors. It was also evidenced that the entertainment options and the quality of the spaces influenced their uses and appropriations.

KEYWORDS: Public Space. Sociability. Leisure Activities. Health.

Considerações Iniciais

Uma cidade é construída por diferentes tipos de homens; pessoas iguais não podem fazê-la existir (Aristóteles, Política).

A diversidade é um elemento constitutivo da cidade isso porque, o espaço urbano oferece inúmeras possibilidades aos seus habitantes, e apresenta-se em relação à dialética entre as formas construídas e os hábitos de vida. Esse é um tema que o professor, sociólogo, urbanista e historiador Richard Sennett tem se ocupado em diferentes momentos e, especialmente, em dois livros: “*Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental* (2008) e “*Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*” (2018).

Durante a imersão no nosso campo de pesquisa (que será apresentado posteriormente) emergiram questões que são particulares às análises desse autor e permitiram um diálogo que potencializou nossas análises. No primeiro livro, Sennett desenvolveu um estudo para compreender como as questões do corpo foram expressas na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana, percorrendo desde a Atenas antiga até a Nova York atual. Por exemplo, as questões do corpo moderno no espaço público, abordadas a partir do *triunfo da liberdade individual de movimento*, aconteceram simultaneamente ao crescimento das metrópoles no século XIX; o que colocou em cheque um dilema específico no âmbito social: “cada corpo move-se à vontade, sem perceber a presença dos demais” (SENNETT, 2008, p. 21).

Diante de questões como essa Sennett propõe em seu último livro – *Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta* (2018) – pensar os elementos que conformam a experiência humana na cidade. Em outras palavras, o autor estudou/investigou a evolução do urbanismo (a prática profissional de construção das cidades), apontando principalmente os construtores ou ideais que tentaram estabelecer um vínculo entre o

vivido e o construído. Sua proposta tem início com a distinção entre dois termos: *ville* e *cité*.

A princípio, esses dois nomes denominavam o “grande” e o “pequeno”. *Ville* representava a cidade como um todo, enquanto *cité* era considerada como um lugar específico. Como é apresentado no livro, em algum momento do século XVI, *cité* passou a ser entendida como uma experiência, uma consciência coletiva, uma cultura, enquanto a *ville* expressava um lugar físico e concreto, isto é, “o ambiente construído é uma coisa, a maneira como as pessoas nele habitam, outra” (SENNETT, 2018, p. 11).

Construir e Habitar, palavras evidentes no título do livro, exemplificam a importância de demarcar a diferença entre esses termos (*ville* e *cité*), isso porque modos de construir e modos de habitar nem sempre são sinônimos. Outra distinção feita pelo autor refere-se aos termos *lugar* e *espaço*, pois, segundo Sennett “[...] os seres humanos se movimentam num espaço e habitam um lugar” (2018, p. 48).

As noções apresentadas em diálogo com as produções de Richard Sennett (2008; 2018) fornecem pistas sobre o estudo que estamos apresentando, e também, corrobora com as discussões que analisaremos ao longo do texto.

Especificamente neste estudo, abordamos as apropriações realizadas por frequentadores de uma praça pública localizada na cidade de Vitória/ES relacionados aos usos de equipamentos que denominamos como “equipamentos de saúde” e “equipamentos de lazer”. O primeiro termo refere-se a uma Academia Popular da Pessoa Idosa (APPI) e o segundo a uma cancha de bocha, ambos localizadas no interior da praça.

Entendemos que a temática desse estudo circunda as diferentes estratégias nas atualidades relacionadas entre o corpo e a cidade. Variadas são as preocupações, como também distintos são os espaços nos quais elas transitam como é o caso da praça pública que será o nosso foco desse estudo. Esta praça se localiza em um bairro que possui um

dos melhores índices de qualidade urbana da cidade Vitória/ES e além de congregar os referidos equipamentos, também apresenta em sua composição estrutural outros elementos, como por exemplo, uma Igreja Católica, um parque infantil e uma banca de revistas.

Em Vitória/ES, o projeto APPI vincula-se à Lei Municipal nº 7.958 que cria o programa “Vitória Mais Saudável”. Nos preceitos da lei, observa-se um incentivo a população idosa e as pessoas com deficiência para aderir a diferentes modos de vida. Vale ressaltar, que esse programa embora esteja mais centralizado na Secretaria de Esportes e Lazer de Vitória (SEMESP), também estabelece uma intersetorialidade com outras secretarias, como por exemplo, a Secretaria da Saúde (SEMUS), conforme aponta o Decreto 16.003 da Prefeitura Municipal de Vitória (2010b). Nessa direção, a cancha de bocha também faz parte dessas políticas de lazer e saúde para as pessoas idosas.

Como salientado anteriormente, para além do que está previsto nos preceitos legais, temos interesse em investigar como os frequentadores desse espaço público se apropriam desses equipamentos. Destaca-se que esta relação se encontra vinculada tanto aos aspectos físicos do espaço (*a ville*), caracterizados tanto pela estrutura do entorno, quanto pelas possibilidades geradas pelas intencionalidades dos frequentadores na convivência nesse local (*a cité*).

A partir desses elementos buscamos analisar os usos e apropriações realizados pelos frequentadores da praça, relacionados aos usos da APPI e da cancha de bocha. Partindo desse objetivo geral, elegemos como tarefa identificar (através de aspectos sócio-demográficos) os frequentadores da praça; analisar as relações entre o instituído nas políticas públicas, o ambiente construído e as formas de apropriação e interação manifestadas entre os sujeitos.

Com base no que foi apresentado nessa introdução, o trabalho está estruturado da seguinte maneira. Num primeiro momento, apresentaremos as estratégias metodológicas, como a descrição dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa. Em seguida, os resultados e discussões provenientes das visitas e participações no campo de pesquisa, que serão divididos em quatro partes: a) a caracterização da praça e sua materialidade; b) a descrição dos equipamentos de saúde e lazer; c) o primeiro eixo de análise denominado de “Motivos para frequentar os espaços da praça”; e d) o segundo eixo de análise denominado de “Usos e apropriações dos equipamentos de saúde e lazer”. Ao final, apresentaremos a conclusão, onde realizaremos os apontamentos finais.

Metodologia

O presente estudo parte de uma abordagem qualitativa. Seu foco está centrado na compreensão e explicação da dinâmica social, na medida em que busca identificar as complexidades presentes no universo de significados, das motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes de determinados atores sociais (MINAYO, 2001). Como investigamos as práticas culturais, optamos pela realização de um trabalho de campo utilizando estratégias identificadas como estudos de cunho etnográfico (GEERTZ, 1990).

Resumidamente, o trabalho etnográfico caracteriza-se pela interpretação de padrões culturais de um contexto específico, partindo das representações que diferentes sujeitos ou grupos sociais fazem de suas práticas (GEERTZ, 1989). Nesse caminho, a investigação se desenvolve por meio do processo de imersão na cultura estudada, na intenção de compreender sua complexidade, muitas vezes implícita, e interpretar suas significações, materializadas nos comportamentos/relações estabelecidas pelos sujeitos.

Os instrumentos utilizados para as produções dos dados basearam-se em observações, observações participantes e descrições do campo, sistematizadas em

diferentes turnos (manhãs, tarde e noite) entre os meses de novembro de 2016 e abril de 2017. Por um *olhar de dentro e de perto* (MAGNANI, 2002), as vivências desenvolvidas no espaço investigado possibilitaram a elaboração de anotações e reflexões a respeito das especificidades da cultura estudada. Essas informações foram materializadas em diários de campo e complementadas por registros iconográficos e, permitiram também, a elaboração de entrevistas semiestruturadas baseadas em elementos oriundos dessas observações.

O roteiro de entrevista foi composto por questões abertas, de modo a contemplar a identificação dos sujeitos, suas principais atividades desenvolvidas nos equipamentos da praça, os motivos atribuídos pelos sujeitos para frequentarem aquele espaço, e também questões relacionadas ao cuidado da saúde (levando em consideração a existência um equipamento destinado a saúde). Cada entrevista durou aproximadamente 15 minutos, sendo realizada na praça, no período da tarde e da noite. Como critério de participação, foi estabelecido que os sujeitos deveriam ser usuários dos equipamentos de saúde e/ou lazer durante as visitas e morar em Jardim da Penha ou bairros adjacentes. Das 15 pessoas convidadas a participarem da pesquisa, 11 aceitaram o convite, assinando um termo de consentimento livre e esclarecido. Desses, cinco afirmaram frequentar somente a cancha de bocha, um afirmou utilizar somente a APPI e os outros cinco sinalizaram frequentar ambos os espaços.

A tabela abaixo demonstra, com base em dados quantitativos, alguns aspectos sociodemográficos dos sujeitos entrevistados. Vale ainda ressaltar que esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo, sob o protocolo N° 57559416.8.0000.5542.

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos entrevistados e aspectos sociodemográficos.

	Variável	Quant.	%
Sexo	Homem	10	90,91%
	Mulher	1	9,09%
Faixa etária	20 a 39 anos	1	9,09%
	40 a 59 anos	4	36,36%
	60 a 79 anos	5	45,45%
	80 ou mais	1	9,09%
Escolaridade	Analfabeto	-	-
	Educação Básica incompleta	1	9,09%
	Educação Básica completa	5	45,45%
	Superior incompleto	1	9,09%
	Superior completo	4	36,36%
Renda Familiar	Até R\$ 1.244,00 (E)	-	-
	De R\$ 1.224 a 1.989,00 (D)	2	18,18%
	De R\$ 1.989 a 8.574,00 (C)	4	36,36%
	De R\$ 8.574 a 11.177,00 (B)	1	9,09%
	Acima de R\$ 11.177,00	4	36,36%
Ocupação	Aposentado	8	72,73%
	Não-aposentado	2	18,18%
	Estudante	1	9,09%

Com base na Tabela é possível observar a disparidade entre o número de homens (90,91%) e de mulheres (9,09%). Obviamente esses dados não representam a totalidade daquele contexto, mas fornecem pistas para um melhor entendimento do cotidiano da praça, principalmente dentro da cancha de bocha, onde notamos a presença de poucas mulheres.

Em relação à faixa etária, a maior parte dos entrevistados (45,45%) estão entre os 60 e 79 anos de idade. Assim como Silveira (2007), que ao pesquisar o cotidiano de um espaço público destinado a atividades de saúde/lazer na cidade de Porto Alegre/RS,

também observou que a maioria dos frequentadores eram homens e possuíam mais de 55 anos.

A respeito do grau de escolaridade, a maior parte dos indivíduos (45,45%) concluíram a Educação Básica (Educação Infantil; Ensino Fundamental I e II; Ensino Médio) e outros 36,36% concluíram o Ensino Superior.

Com relação ao nível socioeconômico¹, foi observado que nenhum indivíduo pertencia à classe E (renda familiar de até R\$ 1.244,00), 8 indivíduos declararam estar entre a classe A (36,36%) e a classe C (36,36%), seguidos da classe D (18,18%) e classe B (9,09%). Quanto à área de ocupação, 72,73% afirmaram ser aposentados, outros 18,18% alegaram possuir vínculos empregatícios e apenas um indivíduo (9,09%) se declarou como estudante.

Em função da estrutura das entrevistas, foram elaboradas duas categorias de análise, tendo em vista os acontecimentos reincidentes mais enfatizados pelos sujeitos entrevistados. Essas categorias foram divididas em dois blocos. No primeiro, denominado de “Motivos para frequentar os espaços da praça” buscamos interpretar os fatores que sustentavam a presença dos sujeitos no espaço público, investigando possíveis relações com os discursos vinculados aos cuidados com a saúde e ao tempo de lazer. Já o segundo, denominado de “Usos e apropriações dos equipamentos de saúde e lazer”, optamos por analisar os usos/apropriações desses equipamentos no esforço de entender a produção de sentidos/significados naquele contexto.

A análise e interpretação dos dados advindos das entrevistas e do diário de campo possibilitaram a apresentação dos resultados em três etapas. Inicialmente descreveremos

¹ Valores atualizados em outubro de 2013, pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) e ajustados pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), de 2009.

a praça, os equipamentos investigados e os sujeitos entrevistados, para em seguida, discutir as categorias de análise anunciadas anteriormente.

Resultados e Discussões

Sobre a Praça

Fundada em fevereiro de 1999, a praça Aníbal Anthero Martins localiza-se no bairro Jardim da Penha, região metropolitana do município de Vitória/ES. Caracterizado como um bairro de classe média (LAURINDO, GOMES, ALMEIDA, 2017), estima-se que sua população já tenha ultrapassado a marca dos 30.000 (moradores) esses dados dialogam com o último censo demográfico desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010. Já em relação ao Índice de Qualidade Urbana² (IQU) – calculado a partir de dados referentes a escolaridade, renda, ambiente e habitação – Jardim da Penha aparece ocupando a sexta colocação no ranking entre os bairros do município de Vitória/ES (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2016).

Outro aspecto peculiar do bairro pode ser observado em sua planificação urbanística. Projetada pela empresa capixaba de Engenharia e Comércio na década de 50, o desenho urbano do bairro recebeu fortes influências dos traçados da cidade de Belo Horizonte, considerada na época um modelo de modernidade e planejamento (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2016). Elementos importantes de seu desenho incluem basicamente uma malha perpendicular de ruas cortadas por avenidas em diagonal, que, em determinados trechos são interseccionadas por quatro praças com formato e dimensões semelhantes a um grande círculo. Como salientado anteriormente, este estudo

² Índice de Qualidade Urbana entre os bairros do município de Vitória/ES. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/indicadores/iqu/ranking.asp>. Acesso em: 09 set. 2019.

parte de uma investigação realizada em uma dessas praças, especificamente, na praça Anibal Anthero Martins, “pracinha da Igreja” ou “pracinha da bocha” como é conhecida popularmente entre a comunidade local.

Em sua composição estrutural identificamos a presença de uma Igreja Católica; um salão coberto composto por um bar e espaços destinados a prática de bocha, jogos de cartas/tabuleiro (que denominamos de cancha de bocha); uma Academia Popular da Pessoa Idosa (APPI); um parque infantil; uma banca de revista, além de outros elementos que preenchem o seu espaço, como árvores, plantas, assentos, lixeiras, postes de iluminação, etc.

Nos entornos da praça encontram-se prédios residenciais, três instituições escolares, uma oficina automotiva e um comércio. A esse respeito, cabe dizer que diariamente crianças, jovens, adultos e idosos transitavam pelas mediações da praça como trajeto para algum destino, visto que sua localização apresenta certa proximidade com diferentes locais do bairro. Esses aspectos podem ser materializados em trecho do diário de campo realizado no dia 21 de novembro de 2016:

A observação de hoje aconteceu em uma tarde de muito calor na cidade de Vitória. Neste turno, a praça normalmente não apresenta uma grande circulação de transeuntes. O único local que está sendo ocupado é o salão coberto (apelidado de cancha de bocha). Sentado em um dos bancos da praça era possível ver o movimento de pessoas uniformizadas, estudantes e famílias transitando apenas com a intenção de se locomover, ou seja, essas pessoas não usufruíam dos espaços da praça (Diário de campo, nº 3, nov. 2016).

Outra questão observada no campo de investigação, diz respeito a falta de interação entre os componentes da praça (Igreja, parque infantil, banca de revistas, APPI, cancha de bocha). Embora compartilhem o mesmo ambiente, notamos que existe uma falta de conexão entre esses elementos. Por exemplo, as pessoas que frequentam a Igreja não se interessam pelo espaço da cancha de bocha ou pela APPI; os clientes da banca de revistas se limitam a utilizar somente aquele pequeno espaço, localizado em uma extremidade da

praça; o parquinho infantil está abandonado, raramente vê-se crianças brincando e mesmo assim seu uso fica restrito apenas a área dos brinquedos. Essas formas urbanas apresentam “dinâmicas internas específicas” (SENNETT, 2018, p. 12). No entanto, podemos afirmar que identificamos um vínculo entre a APPI e cancha de bocha, considerando que alguns sujeitos utilizavam ambos os equipamentos.

Apesar de mencionarmos os elementos que compõem o referido espaço público, tomamos como foco de investigação somente a APPI e a cancha de bocha, pelo fato de apresentarem em sua utilização (ou falta de utilização) elementos necessários para nossa proposta. Nesse sentido, oferecemos a seguir uma breve caracterização desses espaços.

Sobre os Equipamentos de Saúde (APPI) e Lazer (Cancha de Bocha) da Praça

Caracterizada como um projeto de origem chinesa com adaptações feitas no Brasil, a Academia Popular da Pessoa Idosa (APPI) funciona como um espaço destinado a prática de exercícios físicos ao ar livre. Sua instalação ocorreu no ano de 2014 e foi composta por seis aparelhos (Puxada alta; Rotação inclinada; Remada sentada; Barra fixa com três níveis; Pressão de pernas; Simulador de caminhada) destinados a práticas de exercícios físicos e uma placa informativa contendo orientações de alongamento. A função anunciada no projeto vincula-se às questões biofisiológicas, objetivando alongar, fortalecer, desenvolver a musculatura em geral e trabalhar a capacidade aeróbica, com a finalidade de trabalhar diferentes capacidades físicas (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2010).

Essa iniciativa é somada a outras propostas do município, como por exemplo, os módulos de orientação ao exercício (Serviço de Orientação ao Exercício – SOE) e as academias populares, no sentido de estimular a prática de exercícios físicos ou adotar

hábitos de vida diferentes. Existem, até o momento, 35 APPI's já instaladas em diferentes bairros do município (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2019).

No que se refere ao estado de conservação da APPI, vale salientar que foram observadas marcas de oxidação, danificação e sujeira nos aparelhos. Com base nas visitas ao campo, ficou evidente a limitação quanto ao uso desses aparelhos. Os sujeitos, geralmente homens e mulheres adultos ou idosos, exercitavam-se rapidamente. Em outras palavras, não identificamos uma permanência sistematizada nesses equipamentos; os frequentadores da APPI não se interessavam pelos equipamentos disponíveis quando comparados aos frequentadores da cancha de bocha. Os usos da APPI privilegiavam mais o *espaço* que o *lugar* (SENNETT, 2018, p. 48), as permanências eram passageiras. Embora haja parceria e apoio do SOE – por apresentar em sua proposta a realização de atividade física ao ar livre e de forma “autônoma” – verificamos a ausência de profissionais de Educação Física atuando naquele espaço e não foram encontrados meios de incentivo para o uso dos equipamentos.

Essa problemática também foi identificada por Rotta e Pires (2010) em um estudo desenvolvido na cidade de Caçador, município de Santa Catarina. Tomando como lócus de investigação uma praça pública, os autores constataram durante a investigação que em nenhum momento houve a utilização dos aparelhos de ginásticas (academias populares). Na guisa de conclusão, focalizaram que na utilização desses equipamentos deveriam ser enfatizadas por políticas de participação e incentivo aos frequentadores, tendo em vista que o local também não apresentava o serviço de orientação.

Em contrapartida aos dados apresentados até o momento, observamos outra lógica de utilização de espaço nas atividades desenvolvidas na cancha de bocha. Esse espaço funciona como ponto de encontro entre adultos, idosos e aposentados desde 2007, quando sua atual estrutura foi montada em parceria com a prefeitura de Vitória/ES. Em uma

versão impressa do Jornal Nosso Bairro, jornal organizado pela Associação de Moradores de Jardim da Penha, foi possível encontrar algumas informações acerca da constituição do espaço da cancha de bocha. Uma delas, por exemplo, relatava que: “[...] antes de 2007 só havia o campo de bocha e uma pequena cobertura, cujo espaço acabava sendo ocupado por moradores de rua” (NOSSO JORNAL, 2016). Atualmente, o lugar é administrado pela Associação dos Bocheiros e Canasteiros de Jardim da Penha e conta com aproximadamente 250 associados que pagam uma mensalidade de R\$ 10,00 para custear a manutenção, limpeza e segurança. Com esse dinheiro, eles também adquiriram duas TV’s, caixa de som, bebedouro, churrasqueira e outros equipamentos (NOSSO JORNAL, 2016). Cabe ressaltar que para usufruir do espaço não é obrigatório ser associado.

Internamente o espaço oferece uma larga pista de bocha e os materiais necessários para realização da prática. Nos entornos da pista, notam-se algumas mesas e cadeiras de metal fixadas ao chão destinadas ao jogo de dominó. Em outra extremidade encontram-se mesas e cadeiras de plástico reservadas aos jogos de carta. O bar³ que funciona dentro da cancha de bocha também merece destaque, conforme indica um de seus frequentadores⁴: “Sem o barzinho fica difícil até pra gente ficar aqui, né?! É uma referência pra gente tomar um refrigerante, às vezes tomar uma cervejinha, não é pra ter vício, é mais para ter aquele lazer pra complementar o bate-papo entre colegas” (MARCOS, 90 anos). Além de receber apreciadores e praticantes de bocha, jogos de carta e dominó, esse ambiente se tornou um ponto de apoio e descanso para funcionários de uma empresa de transporte municipal que tem o seu ponto final naquela região.

³ Vale ressaltar que o bar pertence a Associação de Bocheiros e Canasteiros de Jardim da Penha, sendo de responsabilidade administrativa do presidente.

⁴ Seguindo as normas éticas em pesquisa optamos por utilizar nomes fictícios no trabalho, com o intuito de preservar a identidade dos participantes.

Ao observar o cotidiano da praça durante a manhã percebemos a pouca circulação de pessoas, tanto nas intermediações da APPI, quanto no interior da cancha de bocha. Um dos relatos do diário de campo pode ilustrar esse aspecto:

[...] a praça estava em um clima amistoso, o sol não incomodava e a maioria dos espaços estavam cobertos pelas sombras das árvores. Na cancha de bocha haviam oito homens, distribuídos entre as mesas de jogos e a área próxima à TV. Nas mesas de jogos encontravam-se quatro idosos em uma partida de baralho. Na área da TV havia mais quatro homens (funcionários da empresa de transporte municipal) sentados assistindo algum programa televisivo e conversando. Durante o horário da visita não foi observado nenhuma utilização nos aparelhos da APPI (Diário de campo, nº 4, 22 nov. 2016).

Após as 15h00, o fluxo de pessoas aumenta consideravelmente, principalmente na cancha de bocha, onde seus frequentadores assíduos⁵ começam a chegar e se dividem entre os espaços para jogar baralho, dominó ou bocha, consumir produtos oferecidos no bar⁶, assistir televisão ou simplesmente para sentar e conversar. Já na APPI, os usos dos aparelhos permanecem com a presença de poucos usuários.

A observação de hoje aconteceu em uma tarde de muito calor. A praça estava vazia, o único lugar ocupado era a Associação de Bocheiros e Canastreiros de Jardim da Penha (a cancha de bocha). Pessoas atravessavam a praça somente para seguirem seus trajetos. [...] Aproximadamente as 15h15 um senhor de aparentemente 68 anos estacionou seu carro no entorno da praça, caminhou em direção a APPI e começou a utilizar os equipamentos. Ele vestia uma camiseta, bermuda jeans e tênis. Executou em média dez repetições em cada equipamento (seis equipamentos ao todo). Logo em seguida, realizou uma pausa e seguiu para dentro da cancha de bocha. Por volta de 15h25 caminhei em direção a cancha de bocha e lá dentro continuei com as observações/descrições. Haviam duas mesas ocupadas (mesa 1 e mesa 2). A mesa 1 contava com quatro homens (idosos) jogando baralho e outros três idosos observando a partida e aguardando sua vez para jogar. A mesa 2 contava com mais quatro homens jogando baralho e outros quatro observando a partida e aguardando sua vez para jogar. A pista de bocha estava sem utilização (Diário de campo, nº 3, 21 nov. 2016).

Durante a noite observamos uma grande aglomeração de pessoas no interior da cancha de bocha e a recorrente limitação quanto ao uso dos equipamentos da APPI. Em

⁵ Esse público é caracterizado em sua maioria por homens idosos/adultos com idades acima de 45 anos, moradores do bairro Jardim da Penha. A média de público gira em torno de 20 pessoas no turno da tarde.

⁶ Alguns dos produtos disponíveis para consumo no bar são: cerveja, refrigerante, salgado frito e petiscos (porções de carne, ovo de codorna, entre outros).

um trecho do diário de campo realizado no dia 10 de novembro de 2016, foi possível identificar como acontece os usos dos espaços da praça no período noturno:

Ao chegar na praça por volta das 18h30 me deparo com a cancha de bocha em clima de festa. O volume da caixa de som estava alto, tocando músicas do ritmo sertanejo. Havia em média quarenta e dois adultos no interior da Associação (trinta e nove homens; três mulheres). Era notório o consumo de bebida alcoólica por parte de algumas pessoas. Seis mesas ocupavam um lado da cancha e em cada mesa havia em média quatro homens jogando baralho ou dominó. A pista de bocha também estava sendo utilizada por duas duplas e em seus entornos alguns expectadores assistiam a partida. [...] Nos minutos finais da observação, um casal de adultos começou a utilizar os equipamentos da APPI, porém não dedicaram seu tempo aos aparelhos, exercitando-se rapidamente e tomando outro rumo logo em seguida. O homem vestia bermuda jeans, camiseta gola polo e chinelos, já a mulher usava calça legging, tênis e camiseta. O casal não ficou nem cinco minutos nos equipamentos, imaginei que eles estavam de passagem pela praça e decidiram fazer um aquecimento na APPI (Diário de campo, nº 2, 10 nov. 2016).

Ao longo das semanas no campo de pesquisa, percebemos que o espaço da cancha de bocha é ocupado com mais assiduidade quando comparado a APPI, isso porque o ambiente se revelou como um local de socialização, carregado de significações e sentidos (SILVEIRA; STIGGER, 2007) e constituindo-se como um segundo lar para seus frequentadores, como afirma um dos sujeitos entrevistados: "Frequento aqui todos os dias [...] Aqueles que a gente conhece acaba fazendo uma amizade, uma família, então a gente fica sempre aqui trocando ideias" (GERALDO, 58 anos). Também merece destaque a diferença entre homens e mulheres no interior da cancha de bocha, pelo fato de o espaço ser ocupado predominantemente por homens idosos/adultos. Essas peculiaridades foram identificadas em estudos etnográficos realizados em dois espaços públicos destinados a prática de jogos (bocha, baralho, dominó, etc.): um na cidade de Porto Alegre/RS (STIGGER e SILVEIRA, 2004) e o outro na cidade do Rio de Janeiro/RJ (FONSECA, 2015). Os autores, em ambos os estudos, evidenciaram a presença hegemônica do público masculino na utilização desses espaços, relatando que em todas as atividades desenvolvidas a presença de homens era superior em relação ao número mulheres. No estudo de Fonseca (2015), por exemplo, foi identificado que parte das mulheres

observadas assumiam o papel de acompanhante dos maridos/companheiros e não se interessavam pelas atividades ofertadas. Além disso, segundo Ribeiro *et al.* (2012, p. 976), uma das possibilidades de explicar essa diferença pode ser compreendida no fato de o homem encontrar “[...] mais oportunidades de lazer fora de sua residência do que a mulher, como exemplo, clubes, grêmios recreativos, praças, bares entre outros⁷.

Observando *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002), esses espaços apresentaram em sua organização uma relação com o contexto macrossocial no qual estão inseridos (SILVEIRA, 2007), isto é, vínculos com a praça Anibal Anthero Martins, com a Prefeitura de Vitória/ES, com a população do bairro Jardim da Penha, etc. Outro ponto a ser considerado diz respeito ao plano microssocial desses espaços, em específico, do cotidiano observado no interior da cancha de bocha, onde as relações do dia-a-dia, o convívio, os encontros/desencontros, as disputas (VELHO, 2001), entre outros aspectos, complementavam as redes de interações desenvolvidas por aqueles sujeitos.

Tais redes estão associadas ao que George Simmel (1983) denominou de *sociabilidade*. A noção de sociabilidade apresentada por Simmel (1983) pode ser interpretada a partir de dois vieses: através das *formas* e dos *conteúdos*. As *formas* referem-se a maneira de como as interações acontecem, e os *conteúdos* relacionam-se aos motivos dessas interações acontecerem. Esse processo é reconhecido por Simmel nas diferentes esferas da atividade social, podendo ser identificada no “estar com um outro, contra um outro que, através do veículo de impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais e individuais” (SIMMEL, 1983, p. 168). Em outras palavras, a sociabilidade pode ser interpretada na abordagem simmeliana como uma forma lúdica de interação, no qual os vínculos entre os sujeitos apresentam-se emancipados em relação aos seus *conteúdos*.

⁷ Embora reconhecendo a importância do aprofundamento teórico acerca dessas questões, optamos por não adentrar no cerne desse debate.

A interpretação de Sennett (2018) acerca dessa questão caminha no mesmo sentido. A sociabilidade é entendida pelo autor como um sentimento de fraternidade limitada em relação aos outros, com base no compartilhamento de uma tarefa em comum. Essa “fraternidade limitada” (SENNETT, 2018, p. 293) ganha vida quando se *faz algo junto*, e não apenas no *estar juntos*.

De acordo com nossas observações, as relações vivenciadas nos jogos, encontros, conversas e confraternizações da cancha de bocha pareciam se aproximar mais da *forma* como aconteciam as práticas do que do *conteúdo* (os resultados). Toda ação, manifestação ou comemoração ganhavam significados especiais entre as relações estabelecidas pelos frequentadores do espaço. Assim, em alguns momentos, o *fazer junto*, o *estar junto* e o *jogar junto* aconteciam sem uma finalidade externa, ou seja, eram interações com o fim nelas mesmas. Exemplo disso ocorre quando os frequentadores da cancha de bocha, com o intuito de se divertir, organizam-se coletivamente para desenvolverem suas atividades.

A seguir, apresentaremos os dois eixos interpretativos que compõem nossas análises.

Motivações para Frequentar os Espaços da Praça

As cidades oferecem inúmeras possibilidades e alternativas aos sujeitos. Segundo Magnani (2002) a existência de grupos, redes de interação, sistemas de trocas, instituições, espaços públicos, pontos de encontro, trajetos e muitas outras mediações fornecem aos sujeitos sua efetivação no cotidiano da cidade. Nesse sentido, ter uma praça ou parque público próximo da residência pode ser considerado como um fator que tende a motivar um melhor aproveitamento dos espaços, resultando na promoção da sociabilidade entre os indivíduos (JERÔNIMO; PITTIGLIANI; REICHOW, 2016).

Ao analisar os dados obtidos nas entrevistas, percebemos que o principal motivo para frequentar a praça, especificamente o espaço da bocha, estava ligado à prática de jogos (bocha, baralho e dominó), seguido da interação com as outras pessoas (encontrar os amigos, conversar, confraternizar). A esse respeito, Barreto (73 anos) afirmou: "Venho aqui por dois motivos, primeiro pelo esporte/lazer e segundo pelas pessoas e da nossa amizade". Stigger e Silveira (2004) evidenciaram esse aspecto ao investigarem um grupo de frequentadores de um espaço de lazer localizado no Parque Farroupilha/RS. Nesse ambiente, os sujeitos desenvolviam diversas atividades, em especial o jogo de cartas, dominó, bocha e xadrez, além de participarem de um "[...] universo cultural com o qual se identificam e que tem uma forma particular de sociabilidade que o sustenta" (STIGGER; SILVEIRA, 2004, p. 41).

Com o amadurecimento do trabalho de campo, percebemos que alguns frequentadores aproveitavam o espaço interno da cancha de bocha para criar ou estreitar os vínculos de sociabilidades existentes (SIMMEL, 1983; SENNETT, 2018). Tanto na prática da bocha quanto em uma conversa frente aos programas televisivos, esses aspectos poderiam ser observados. Um exemplo pode ser conferido no relato a seguir:

O anoitecer na praça não é muito agradável para quem está fora da cancha de bocha. Sua iluminação precária dificulta a permanência nos espaços ocupados pelo parquinho e pela APPI, por exemplo. Ao entrar na cancha de bocha para dar prosseguimento as observações, reparei dois grupos distintos de senhores sentados em frente as TV's. De um lado, era transmitido uma partida do campeonato europeu de futebol e do outro, uma programação do canal "National Geographic". O grupo que acompanhava o futebol (composto por quatro idosos) estava bem tranquilo, conversavam entre si enquanto consumiam alguns produtos oferecidos pelo bar. O outro grupo (composto por três idosos) mostrou-se mais agitado, conversando em voz alta e comentando sobre os acontecimentos que passavam na televisão. A forma como se expressavam me chamou a atenção e direcionou o meu olhar para o programa televisivo que estava passando. Lembro de ter visto a cena de um coelho tentando escapar de uma avalanche de neve em alta velocidade, levando em consideração que sua vida dependia do seu êxito (cenas típicas dos programas sobre a vida animal). Tal cena gerou uma euforia naqueles senhores, eles comentavam em voz alta: "Que bicho danado!"; "Olha, olha, olha!"; "Nossa, achei que ele iria morrer agora" [...] Esses momentos de descontração são comuns na cancha de bocha, é possível notar entre as inúmeras atividades realizadas no espaço a formação dos vínculos que se complementam com as brincadeiras, risadas e momentos eufóricos (Diário de campo, nº 7, 10 dez. 2016).

Outro motivo que apareceu com mais evidência referia-se às questões de comodidade e proximidade da residência. Sobre isso, quando questionados por qual razão não frequentavam outros espaços públicos ou espaços similares à praça, os entrevistados alegaram: "Por causa da comodidade, eu não sinto necessidade de ir para outro lugar." (ANTONIO, 67 anos); "Como moro aqui perto fica mais fácil vir pra cá, eu não gosto de marcar horário pra determinada atividade como acontece em outro lugar." (VICENTE, 64 anos). Essa questão também foi evidenciada no estudo desenvolvido por Reis (2001) em um parque de Curitiba. O autor identificou, a partir de uma abordagem ecológica (abordagem que investiga a relação entre o sujeito e o ambiente), que um dos fatores determinantes para os usos dos espaços do parque estavam relacionados diretamente com a proximidade das residências dos sujeitos, além de evidenciar que aspectos como segurança/conforto, fatores tecnológicos / arquitetônicos e a beleza estética do local, manifestavam o interesse de uso da população.

Não menos importante, apenas um entrevistado, Saulo (23 anos), informou que frequentava a praça somente para utilizar a APPI, salientando:

Não frequento o espaço da bocha. A academia, sempre quando eu vejo uma academia popular seja na praça ou em outro lugar procuro fazer umas barranas [referindo-se aos exercícios de puxada na "barra fixa"], por exemplo eu só passo pra fazer umas repetições e vou embora, não paro para fazer outros equipamentos. Costumo utilizar a barra da praça duas a quatro vezes na semana.

Vale ressaltar que esse indivíduo é o único entrevistado de uma faixa etária mais jovem. Em meio a esse contexto, observamos a existência de uma questão geracional quanto ao uso desses equipamentos, ou seja, a APPI não consegue atrair o público ao qual ela se destina, e por isso, esse jovem não se interessa em utilizar o espaço da cancha de bocha, visto que o local é ocupado por pessoas mais velhas. Outro aspecto interessante remete à forma de como esse indivíduo se apropriou da "barra-fixa", configurando-a

como um equipamento de *uso principal* (RECHIA; SANTOS; TSCHOKE, 2012) que por si só o atraiu para desenvolver suas atividades.

Como já mencionado, o bar da cancha de bocha caracteriza-se como um elemento central para alguns de seus frequentadores, isso porque são oferecidos produtos que acabam por gerar um tipo de permanência naquele espaço. Quando questionados sobre a presença do bar naquele local, três entrevistados (27,27%) declararam utilizar o seu serviço todas as vezes que frequentaram o espaço e sentiram a necessidade do seu funcionamento, outros três (27,27%) alegaram não utilizar, mas acharam que seu funcionamento é importante para as outras pessoas, quatro (36,36%) disseram utilizar o bar, porém não sentiram dependência e apenas um (9,09%) afirmou não utilizá-lo em hipótese alguma.

Analisando as falas desses sujeitos percebemos que mesmo aqueles que não utilizavam o bar, atribuíam um significado de importância, reconhecendo-o como mais um atrativo da cancha de bocha. Fatos que corroboram o descrito ficam evidentes, quando, por exemplo, os frequentadores afirmam: “Tem o bar ali pra quem queira, inclusive o preço é de custo porque aqui a gente paga uma mensalidade e o sócio tem aquilo como um complemento do lazer”; “Aqui tem um salgado, um guaraná pra beber, porque as vezes isso aqui se tiver uma turma boa a gente joga até meia-noite [...] é necessário o bar, também tem cafezinho e água gelada.” (DIÁRIO DE CAMPO, nº 6, 14 dez. 2017). Entendemos o bar como mais um elemento influenciador dos vínculos de sociabilidade desenvolvidos por aqueles sujeitos (SIMMEL, 1983; SENNETT, 2018), apresentando também fatores determinantes para tornar o clima mais lúdico e manter a permanência no local.

Nesse sentido, interpretamos que os “motivos de permanência” apresentados pelos entrevistados corroboravam com a produção de sentido, de significados e sentimento de

pertencimento (SILVEIRA; STIGGER, 2007), podendo ser identificado na relação com o outro (formas de interação), nas vivências lúdicas (jogos realizados no interior da cancha de bocha), no compartilhamento de experiências, entre outros.

Estudos empíricos nesse campo, apontam a existência de diferentes práticas corporais vivenciadas por grupos diversos que operam com lógicas específicas, alguns mais próximo do pólo da sociação pautado pela ideia dos resultados e outros mais próximos da ideia de ludicidade e sociabilidade (GONZÁLEZ, 2007; RECKZIEGEL, 2007; STIGGER, SILVEIRA, 2004). A diferença entre essas formas de interação pode ser expressa na relação dos propósitos e objetivos estabelecidos pelos sujeitos. Quando as metas são colocadas de lado os sujeitos participam de uma condição lúdica da sociação (sociabilidade), centrando seus esforços em apenas desfrutar o próprio momento do encontro. No entanto, quando a sociação opera com pretensões objetivas para além do exercício da interação, por exemplo, quando “[...] alguém entra no jogo pretendendo instrumentalizar o momento para determinado fim” (GONZALEZ, 2007, p. 20), a sociabilidade espontânea desaparece.

Nos estudos citados no parágrafo anterior, é possível perceber a manifestação de grupos que claramente organizam suas atividades para garantir que a sociabilidade aconteça (GONZÁLEZ, 2007). Assim, entendemos que no contexto em que a investigação foi realizada esses elementos apresentaram grande importância para o convívio daquelas pessoas, especialmente na cancha de bocha onde os aspectos de interação e sociabilidade são mais explícitos.

Usos e Apropriações dos Equipamentos de Saúde/Lazer da Praça

Já era noite, ao longo das observações, notei um casal de aparentemente 65 anos de idade caminhando ao redor da pista de bocha. A mulher auxiliava o homem que apresentava movimentos limitados e lentos. Eles caminharam em

média seis vezes no entorno da pista. Logo depois, os dois sentaram em uma mesa com outras pessoas, onde apenas o homem iniciou uma partida de dominó, enquanto a mulher o aguardava. Esse casal me chamou a atenção e me fez refletir sobre a APPI. Por que eles não utilizam os equipamentos disponíveis na praça? Será que os equipamentos são inadequados para eles? Faltam investimentos naquele espaço para incentivar a prática de atividade física? Caminhar dentro da cancha de bocha é mais seguro? Essas indagações foram importantes para poder compreender os diferentes usos e apropriações realizados pelos frequentadores da praça, inclusive para poder entender melhor as limitações quanto ao seu uso (DIÁRIO DE CAMPO, nº10, 31 jan. 2017).

Como apresentamos anteriormente, identificamos uma limitação quanto ao uso dos equipamentos da APPI em qualquer horário do dia. Com mais atenção aos aspectos estruturais da praça, notamos que a iluminação, durante a noite, da região que abriga o parquinho e APPI não é de boa qualidade. A falta de iluminação, como apontam Rechia ; Santos e Tschocke (2012, p. 270), pode estar diretamente relacionada a segurança do ambiente, constituindo-se como “um fator limitador para a apropriação do espaço público, bem como um facilitador para a violência e para evasão da comunidade”.

Aspectos semelhantes, no que diz respeito a segurança do ambiente, foram abordados no estudo de Beccalli (2012) realizado em um dos módulos do SOE (Serviço de Orientação ao Exercício) na cidade de Vitória/ES. Esse estudo apontou que algumas pessoas não utilizavam o módulo por não se sentirem seguras naquele ambiente. Por conta da falta de segurança do bairro onde o módulo estava inserido, era recorrente a manifestação de um sentimento de insegurança por parte dos moradores, apesar de demonstrarem interesse em participar das atividades, eles repensavam suas ações em função daquele contexto.

As peculiaridades apresentadas nos parágrafos anteriores, materializam algumas experiências vivenciadas nos equipamentos da praça. A percepção da falta de iluminação apresentou, entre outras problemáticas, mais um exemplo de limitação quanto aos usos da APPI. No entanto, ao passo em que o espaço da APPI era deixado de lado, a cancha de bocha internamente mantinha sempre um número frequente de pessoas. De modo a

explorar esses aspectos, abordaremos neste tópico (com base nas entrevistas) os sentidos e significações (STIGGER; THOMASSIM, 2013) atribuídos pelos entrevistados nos usos e apropriações dos espaços investigados.

Vale ressaltar que os usos e apropriações interpretados naquele contexto dialogam com o conceito de apropriação utilizado por Sennett (2018), especificamente, quando o autor exemplifica as apropriações de alguns espaços de lazer localizados no bairro Battery Park City do distrito de Manhattan/NY. De acordo com autor:

As crianças pequenas que brincam nas caixas de areia muito bem cuidadas ficam felizes, mas os campos de jogos da North End Avenue, entre as ruas Murray e Warren, muitas vezes ficam desertos. O motivo é mais profundo que a simples diminuição da população de adolescentes na cidade. Os lugares agradáveis ali criados para o convívio e o lazer contrastam com quadras de basquete como as da esquina da Sexta Avenida com a Rua 3, lugares a que crianças têm acesso de metrô de todas as partes da cidade. Essas quadras de basquete têm cercas de malha de ferro, com apenas algumas poucas árvores. Os caminhões e táxis roncando e buzinando na Sexta Avenida geram um barulho ensurdecedor que se soma aos rádios portáteis sintonizando músicas latinas ou de rap. Tudo nesses locais de lazer superlotados é superfície dura. Mas os adolescentes, inclusive os de Battery Park City, são atraídos por eles, pois ali fizeram sua própria apropriação; ela não foi feita para eles (SENNETT, 2018, p. 315).

Para Sennett (2018) esse tipo de apropriação se manifesta quando “nos sentimos em casa” num bairro ou em outro espaço, isto é, “[...] o ambiente físico parece decorrer da maneira como habitamos e de quem somos” (SENNETT, 2018, p. 25).

O ponto de partida para compreender essas questões no cotidiano da praça baseou-se na opinião dos entrevistados em relação as percepções da estrutura dos equipamentos. Sobre a APPI foi salientado por exemplo que: “A academia poderia ser mais completa, eu acho que a Prefeitura não deveria investir só em materiais, mas também em material humano, deveria pelo menos uma pessoa na parte da manhã dando orientação” (LUIZ, 78 anos); “Acho que falta investimento. Falta um profissional orientando e mais aparelhos disponíveis” (VICENTE, 64 anos); “Poderia ter uma cobertura e um professor ali auxiliando corretamente em como fazer aquele determinado exercício, pelo menos explicar pra que serve. Se não tiver orientação, a pessoa pode estar fazendo errado e isso

pode estar acarretando em um problema, ao invés de ser uma prevenção” (SAULO, 23 anos).

Essas informações são semelhantes ao estudo de Nogueira e Fernandes (2013), desenvolvido em uma academia ao ar livre na cidade de Belém do Pará/PA. Os autores identificaram que a academia recebia serviço de orientação da prefeitura, porém, a demanda não era suficiente para atender a população local, tendo em vista que os professores não estavam presentes em todos os turnos. Por esses motivos constatou-se um descontentamento durante as entrevistas daqueles que necessitavam de mais atenção ou orientação. Além disso, a falta de manutenção dos aparelhos que se encontravam quebrados e desgastados pela ação do tempo, limitava o uso dos praticantes.

Apesar dos problemas citados, algumas pessoas não deixavam de utilizar os aparelhos da APPI. Os usuários, geralmente homens e mulheres idosos/adultos, exercitavam-se rapidamente, ou não dedicavam um tempo exclusivo no uso dos equipamentos, como observado na cancha de bocha. Em trecho do diário de campo, essa situação fica mais evidente:

Durante as observações, uma senhora (aparentemente 60 anos) apareceu na APPI. Vestindo roupas leves (calça *legging*, camisa e tênis), iniciou as atividades no simulador de caminhada. Ficou aproximadamente 3 minutos no mesmo equipamento e seguiu outro rumo fora da praça. Ao me deparar com essa situação relembrarei de outras observações, que constatei limitações nos usos da academia. Não sei por qual motivo ela ficou por pouco tempo, dificilmente as pessoas que utilizam a APPI mantêm uma regularidade de tempo nos aparelhos (DIÁRIO DE CAMPO, nº14, 11 abril. 2017).

Em razão dos fatos, compreendemos que uma melhor estrutura, oferta e potencial de atratividade (SILVA, 2009) são fatores que incidem no uso desses equipamentos. Entretanto, parece que a APPI não apresenta, na sua utilização tanto em termos de acesso quanto de sociabilidade, o que observamos na cancha de bocha.

Naquele contexto os usos do espaço acontecem num universo lúdico, em meio aos jogos (bocha, jogos de cartas e dominó) e nas redes de interação. Tendo um

funcionamento diário⁸, o espaço mantém – sistematicamente – uma grande frequência de participantes. Vale destacar que o local também realiza festas de confraternização⁹, torneios internos de bocha e ainda conta com uma equipe de homens que participam do Campeonato Estadual de Bocha¹⁰, representando a Associação e o bairro Jardim da Penha.

Durante as visitas ao campo, questionamos os entrevistados a respeito das principais atividades realizadas no espaço. Paulo (51 anos), Marcos (90 anos) e Barreto (73 anos) salientaram jogar apenas bocha, já Luiz (78 anos) e José (67 anos) afirmaram jogar somente baralho. Por outro lado, Antônio (67 anos), Geraldo (58 anos), Vicente (64 anos) e Gilson (53 anos) frisaram jogar bocha, baralho e dominó. Neusa, funcionária do bar, (46 anos) por sua vez, declarou apenas preocupar-se com a organização do ambiente, deixando de lado a prática de jogos.

Os espaços de jogos para adultos/idosos, a exemplo da cancha de bocha, são caracterizados por Peixoto (1995) como locais que promovem a socialização a partir das dinâmicas estabelecidas entre as pessoas. Segundo o autor, para esses indivíduos, o que está em cheque é o “passar o tempo”, com critérios particulares na escolha do seu grupo e dos adversários, mantendo a preocupação apenas com o *distrair-se* e o *divertir-se*. Naquele ambiente é possível notar inúmeras brincadeiras, gozações e ironias bem-humoradas, onde o *não sério* parece ser a regra principal (STIGGER; SILVEIRA, 2004). O diário de campo realizado na manhã do dia 08 de dezembro de 2016 materializa os traçados dessas relações:

Ao chegar na praça observei que na cancha havia em média 10 homens divididos entre as mesas de jogos (cartas e dominó). Em contraste a APPI tendo em vista o seu esvaziamento, resolvi entrar na cancha para iniciar as anotações [...] Após alguns minutos sentado próximo as televisões notei a movimentação entre dois senhores (S1 e S2) para iniciarem uma partida de bocha. Outros dois

⁸ O espaço permanece aberto durante todos os dias, inclusive nos finais de semana, das 8h às 23h.

⁹ As festas acontecem somente no final do ano, quando os frequentadores desfrutam de um churrasco coletivo, sorteiam brindes e competem no campeonato de bocha, baralho e dominó.

¹⁰ O campeonato de bocha é organizado pela Federação Espírito-Santense de Bocha (FEB).

senhores (S3 e S4) ficaram do lado de fora observando o jogo e aproveitaram para dizer frases provocativas aos jogadores. Em um momento o S3 disse: "Sai desse campo chulé, você não sabe jogar", o S2 respondeu: "Vem aqui e me ganha então". Apesar das provocações todos riram e prosseguiram com a partida sem gerar confusão ou constrangimento. Permanecer no clima da brincadeira faz parte daquela rotina, aqueles senhores apesar de competirem entre si, tentam sempre manter o respeito com/para o outro, sem que para isso haja necessidade de enfrentamentos ou discussões pejorativas (DIÁRIO DE CAMPO, nº 05, 08 dez. 2016).

Uma outra noção que perpassa por esse ambiente, refere-se ao tempo maximizado dos idosos (e/ou aposentados); o tempo que antes era ocupado pelas obrigações do trabalho passou a ser caracterizado como ocioso. Assim, as atividades de lazer surgem com a finalidade de preencher esse tempo, ressignificando os sentidos acerca do cotidiano da pessoa idosa, e também criando um sistema de vínculos sociais, no sentido de potencializar a sociabilidade (RICARDO *et al.* 2013), mesmo que essa sociabilidade se manifeste “contida”, ou que permita a interação e a disposição de conviver bem com os outros, sem que para isso haja a necessidade de estabelecer vínculos mais íntimos (SENNETT, 2018, p. 292)

Em virtude dos fatos mencionados, podemos dizer que o uso e apropriação dos espaços dependem do significado que os sujeitos atribuem a ele. Refletindo sobre a relação entre os frequentadores da praça, notamos que o uso dos equipamentos não estava vinculado a promoção da saúde ou qualidade de vida. Foi recorrente a afirmação de que o importante era o *estar junto* com as outras pessoas, realizando uma prática que para eles evidenciavam algum sentido, sem a necessidade de recomendações médicas ou especializadas, revelando assim, *o caráter oculto da saúde* (GADAMER, 2006).

Essa expressão *gadameriana* pode ser compreendida da seguinte forma: apesar de toda ocultação, a saúde evidencia-se num tipo de bem-estar, ou seja, no momento em que demonstramos disposição a realizar novas iniciativas, abertos ao conhecimento e sendo capazes de nos *auto-esquecer*, assim como quando não nos sentimos exaustos e cansados – isso é saúde. “Ela não se constitui numa preocupação cada vez maior consigo mesmo,

dada a situação oscilante do nosso bem-estar, ou muito menos em engolir pílulas repugnantes” (GADAMER, 2006, p.118).

Estabelecendo uma relação com nossa investigação, identificamos que o *caráter oculto da saúde* está vinculado aos aspectos que oferecem sentidos estritamente articulados ao *estar com o outro e fazer com o outro*. Notamos que o “estar ali” na praça, entre amigos ou nas vivências, apresenta um sentido maior, e isso sim pode ser considerado como uma outra forma de produção da saúde, não necessariamente vinculada a um argumento racional ou biomédico. Esse fenômeno é identificado por Sennett (2018) como o *primado da cité*, em outros termos, o fazer decorrente do habitar.

Nos exemplos relatados nesse tópico identificamos de uma forma geral que os aparelhos disponíveis na praça atendem os frequentadores, porém, mesmo não utilizando de forma expressiva o equipamento tradicionalmente associado a saúde, o uso do equipamento destinado ao lazer pode ser compreendido como um investimento na saúde, não em sua visão instrumental, mas sim nos aspectos relacionados a sociabilidade e ao sentimento de pertencimento.

Considerações Finais

A partir da realização deste estudo e conforme sintetizado nas páginas anteriores, buscamos compreender como acontecem os usos e apropriações realizados por frequentadores da Praça Anibal Antero Martins – Jardim da Penha, Vitória/ES, investigando os equipamentos de saúde (uma Academia Popular da Pessoa Idosa – APPI) e lazer (uma cancha de bocha).

O diálogo com Richard Sennett (2008; 2018), possibilitou interpretar o cotidiano da praça sob um viés que perpassa o *construído* e o *habitado*, ou seja, entender como as relações diárias vinculavam-se ao *ambiente construído e formas de interação* daqueles

sujeitos. Entendemos que os elementos constituintes para a apropriação dos espaços públicos estavam relacionados à qualidade, às formas de planejamento e às opções de entretenimento, gerando uma aproximação e conseqüentemente o seu uso e apropriação. Diante das situações vivenciadas, observamos que o espaço da cancha de bocha é frequentado com mais assiduidade quando comparada a APPI, isso porque esse espaço se revelou como um local carregado de significados e sentimento de pertencimento (SILVEIRA; STIGGER, 2007), além de ser um local onde a *sociabilidade* (SIMMEL, 1983; SENNETT, 2018) pode ser interpretada como uma forma lúdica de interação, um sentimento de fraternidade limitada, no qual os vínculos entre os sujeitos apresentam-se emancipados em relação aos seus objetivos externos (conteúdos), quando se *faz algo juntos* e não apenas no *estar juntos*.

Após a análise dos resultados, foi possível identificar que o principal motivo para frequentar os equipamentos de lazer estava ligado à prática de jogos (bocha, jogos de carta e dominó), seguido da interação com as outras pessoas, levando em consideração que seus frequentadores (em sua grande maioria homens adultos/idosos) se reúnem semanalmente para realizarem suas atividades. Em relação aos usos dos equipamentos de saúde, os entrevistados sugeriram algumas melhorias na APPI, tendo em vista que os aparelhos estão desgastados por conta da ação do tempo e também salientaram que um profissional da área da saúde seria útil no processo de orientação. Assim, compreendemos que as pessoas conferem aos equipamentos de saúde e lazer, sentidos (ou apropriações) que não coincidem com aquelas anunciadas nos projetos a eles destinados, e que também não estão vinculados aos conselhos médicos e especializados, no que se refere a produção de saúde, isto é, os valores são construídos a partir dos sentidos que as pessoas atribuem as suas próprias vidas (STIGGER; THOMASSIM, 2013) e ao local que se identificam.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BECCALLI, M.B. **Mais que atividade física**: os usos e entendimentos da saúde entre usuários do Serviço de Orientação ao Exercício da Prefeitura Municipal de Vitória. 112f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Espírito Santo, 2012.
- FONSECA, I. F. **Sociabilidades em um Clube de Malha**: Perspectivas antropológicas sobre o jogo, masculinidade e envelhecimento. 236f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, 2015
- GADAMER, H. G. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Editora Vozes; 176pp. 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- GONZALEZ, F. J. Sociabilidades e práticas corporais: leitura de uma relação. *In*: STIGGER, M.P; GONZÁLEZ, F.J; SILVEIRA, R. da. (Orgs.) **O Esporte na Cidade**: Estudo Etnográfico sobre Sociabilidade Esportivas em Espaços Urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 13-30. 2007.
- JERÔNIMO, R.N; PITTIGLIANI, C. de S; REICHOW, J.R. Processo psicossocial de apropriação pelos frequentadores da Praça Henrique Lage em Imbituba - SC. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v.50, n.1, p.149-165, jan-jun. 2016.
- LAURINDO, V. C.; GOMES, I.M.; ALMEIDA, F. Q. de. Academia Popular da Pessoa Idosa (APPI): Usos e apropriações entre frequentadores do módulo da praia de Camburi em Vitória/ES. **Licere**, Belo Horizonte, v.20, n.2, jun/2017. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2017.1652>
- MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, p.09-29. 2001.
- NOGUEIRA, R. S. FERNANDES, V. L. da C. **O Espaço Saúde E Lazer**: a academia ao ar livre em questão. UEPA. 2013. Disponível em: https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2013.1/RENATO_NOGUEIRA.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.
- NOSSO JORNAL. **Tradição e muita amizade no campo de bocha de Jardim da Penha**. Vitória. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/nossojornal.es/photos/a.1721864581368286.1073741830.1721852884702789/1793515017536575/?type=3&theater>. Acesso em: 22 out. 2019.
- PEIXOTO, C. E. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v 27. n.10, p.138-149, 1995.

PREFEITURA DE VITÓRIA. **Academia Popular da Pessoa Idosa**. 2010. Disponível em:

http://sistemas.vitoria.es.gov.br/vitoriainovando/artigos/2010/academiapopulardapessoa_idosaappi.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.

_____. Lei nº 7.958 – **Programa Vitória Mais Saudável**. 2010a. Disponível em: <http://sistemas.vitoria.es.gov.br/webleis/Arquivos/2010/L7958.PDF>. Acesso em: 22 out. 2019.

_____. Decreto nº 16.003 – Regulamenta a **Lei nº 7.958** - Programa Vitória Mais Saudável. 2010b. Disponível em: <http://sistemas.vitoria.es.gov.br/webleis/Arquivos/2014/D16003.PDF>. Acesso em: 03 dez. 2019.

_____. **Bairro Jardim da Penha 2016**. Disponível em: <https://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao6/jardimdapenha.asp>. Acesso em: 22 out. 2019.

_____. **Academia Popular da Pessoa Idosa**. 2019. Disponível em: <https://m.vitoria.es.gov.br/cidadao/academias-populares-da-pessoa-idosa>. Acesso em: 22 out. 2019.

RECHIA, S.; SANTOS, K. R. V.; TSCHOKE, A. As forças sociais de estrutura, estética e movimento: a dinâmica da apropriação do Parque Cachoeira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 85-106, abr./jun. de 2012.

RECKZIEGEL, A. C. de C. Restinga Crew: dança de rua, sociabilidade e lazer. In: STIGGER, M.P; GONZÁLEZ, F.J; SILVEIRA, R. da. (Orgs). **O Esporte na Cidade: Estudos Etnográficos sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 13-30. 2007.

REIS, R. S. **Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba: uma abordagem sócioecológica da percepção dos usuários**. 163f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Centro de Desporto da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2001.

RIBEIRO, J. A B. *et al.* Adesão de idosos a programas de atividade física: motivação e significância. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 4, p. 969-984, out. /dez. 2012.

RICARDO, L. I. C. *et al.* Preferências de atividades de lazer de um grupo de idosas do extremo sul do Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, jun/2013.

ROTTA, A. M. S.; PIRES, G. L. “Se essa praça, se essa praça fosse nossa...”: espaços públicos e possibilidades para o lazer dos jovens de Caçador/SC. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.2, jun/2010.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e cidade na civilização ocidental**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, A. M. da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo.** 250f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre/RS, 2009.

SILVEIRA, R. da; STIGGER, M.P. Espaço de Jogo – Espaço de Envelhecimento: sociabilidade lúdica na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. I, p. 177-192, set. 2007.

SILVEIRA, R. da. Jogo da bocha: a “cachaça” do seu Inácio. In: STIGGER, M.P; GONZÁLEZ, F.J; SILVEIRA, R. da. (Orgs.) **O Esporte na Cidade:** Estudo Etnográfico sobre Sociabilidade Esportivas em Espaços Urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 85-96. 2007.

SIMMEL, G. **Simmel:** Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

STIGGER, M.P; SILVEIRA, R. da. A prática da "bocha" na SOERAL: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, maio/agosto de 2004.

_____; THOMASSIM, L. E. C. Entre o 'serve' e o 'significa': uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais. **Licere**, v. 16, p. 01-33, 2013. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.656>

VELHO, G. Entrevista com Gilberto Velho: entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

Endereço dos Autores:

Lucas Poncio Gonçalves Pereira
Centro de Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo
Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras
Vitória – ES – 29.075-810
Endereço Eletrônico: lponcio95@hotmail.com

Ivan Marcelo Gomes
Centro de Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo
Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras
Vitória – ES – 29.075-810
Endereço Eletrônico: ivanmgomes@hotmail.com